

FALARES NORDESTINOS: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

NORTHEAST SPEECHES: SOCIOCULTURAL ASPECTS

Maria do Socorro Silva de Aragão¹

Resumo:

As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa. Algumas variações, ditas regionais, podem ser muitas vezes, sociais; se sociais, podem ser relativas aos falantes que têm uma determinada marca diageracional, diagenérica ou mesmo diafásica. Em se tratando de falar regional nordestino, o léxico e a fonética são os aspectos onde mais se percebe as diferenças entre esses falares e os de outras regiões brasileiras. Neste trabalho trataremos dos aspectos léxicos dos falares nordestinos, que são uma marca dessa cultura regional. A análise dos exemplos aqui apresentados mostra-nos, de forma clara, as relações existentes entre a língua, a sociedade e a cultura, reforçando, contudo, que a língua é o elo de ligação entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura.

Palavras-Chave: *Língua, sociedade e cultura; variação regional; falares nordestinos.*

Abstract:

The relations between language, society and culture are so intimate that, sometimes it becomes a lot difficult to separate one from another or tell when one ends and the other begins. Some variations that are called regional, for many times can be social, if social, can be related to the speakers that have a certain generational factor, sexual factor or even diaphasic. When you talk about regional northeastern speech, the lexical and the phonetics are the aspects from which you notice the difference between these speeches

¹ Professora das Universidades Federal da Paraíba (UFPB) e Federal do Ceará (UFC). Membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste (ALANE-PB). Membro da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (AFLAP). Membro da União Brasileira de Escritores (UBE-PB).

and the ones from other Brazilian regions. In this work we will deal with the lexical aspects of the northeastern speeches that are a trademark of this regional culture. The analysis of the examples that are presented here show us, in a very clear way, the relations that exist between language, society and culture, reinforcing, however, that is the language that connects them, because it reports to society and culture in a very equal way.

Keywords: *Language, society and culture; regional variation; northeastern speeches.*

Introdução

As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa. Além dessas relações, um outro fator entra em campo para também introduzir dúvidas quanto à linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural: é o fator geográfico, regional ou diatópico. Algumas variações, ditas regionais, podem ser muitas vezes, sociais; se sociais, podem ser relativas aos falantes que têm uma determinada marca diageracional, diagenérica ou mesmo diafásica. Seriam todas essas variações próprias da língua? Condicionadas pela sociedade? Ou teriam marcas de determinada cultura? São dúvidas e questionamentos que surgem com frequência quando se trabalha com o inter-relacionamento entre língua, sociedade e cultura.

Ao trabalharmos com a etnolinguística, que trata das relações língua-cultura, e com a sociolinguística, que estuda as relações língua-sociedade, vemos que essas ciências têm objetivos bem delimitados, mas têm, também, uma grande área de intersecção.

A língua pode ser vista, analisada ou interpretada sob diferentes ângulos ou aspectos, mas, concordamos com a visão de Fribourg, quando diz:

La langue a été vue soit comme conception du monde [...], soit comme révélatrice du mode de vie d'une société et de ses valeurs culturelles, soit comme révélatrice de la structure sociale et des changements survenus au sien de la société, soit enfin comme une structure linguistique en corrélation avec structures de la société.(FRIBOURG, 1978, p. 104)

A etnolinguística, assim, trata dessas relações entre a língua e a cultura na sociedade a que pertencem os seus falantes. Neste contexto é importante dizermos de que cultura estamos falando. Para isso, utilizaremos a definição de Baylon (1991, p. 47) quando diz que “cultura é o conjunto das práticas e dos comportamentos sociais que são inventados e transmitidos dentro do grupo [...]”.

Segundo ele, ainda, “a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade [...]”. (p. 50).

Conclui com a definição das tarefas da Etnolinguística:

Aprender a cultura através da língua, estudar a mensagem através dos dados socioculturais, são as duas tarefas que aparecem nos trabalhos de etnolinguística. (BAYLON, 1991, p. 56)

Deste modo, as relações entre linguagem regional, sociedade e cultura, estudadas pela dialetologia, sociolinguística e etnolinguística, fazem parte de um todo integrado nos estudos linguísticos.

Se partirmos, como pretendemos, das variantes regionais, no caso, as nordestinas, baianas, alagoanas, pernambucanas, paraibanas, rio-grandenses do norte, cearenses, piauienses e maranhenses, e direcionarmos nosso olhar para a perspectiva cultural desses falares poderemos afirmar que a linguagem utilizada nessas variações, marca ou é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações.

Em se tratando de falar regional nordestino, o léxico e a fonética são os aspectos onde mais se percebe as diferenças entre esses falares e os de outras regiões brasileiras. Aqui trataremos dos aspectos léxicos dos falares nordestinos, que são uma marca dessa cultura regional.

1. As relações entre léxico, sociedade e cultura

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Segundo Barbosa (1993, p. 1):

[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Para Biderman:

O universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico. (BIDERMAN 1978, p. 139).

O léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Elaborar dicionários, glossários ou vocabulários regionais/populares não é tarefa das mais simples uma vez que o próprio sentido do que é regional e do que é popular é motivo de controvérsias entre os especialistas da área.

Sem querer entrar em debates sobre o que é ou não regional, para nós o regional é o que tem marca de uma região, a nordestina, por exemplo, ou de um estado, o do Ceará ou o da Paraíba, em nossos *corpora*.

A amostragem dos *corpora* aqui analisada refere-se a dois autores cearenses: Oliveira Paiva e Patativa do Assaré e dois paraibanos: José Américo de Almeida e José Lins do Rego.

Os itens lexicais aqui estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

2 Marcas regionais no léxico Paraibano

O estudo do léxico paraibano tem sido feito a partir de autores paraibanos que, mesmo escrevendo no registro culto, utilizam em suas obras a linguagem regional popular, na boca de seus personagens não cultos. Os exemplos aqui mostrados foram tirados das obras de José Américo de Almeida e de José Lins do Rego, alguns deles registrados no dicionário de Horácio Almeida e no glossário de Leon Clerot. Todos eles retratam em suas obras, e em seu léxico, a cultura e a sociedade paraibanas.

2.1 Exemplos em José Américo de Almeida

José Américo de Almeida, escritor e homem público paraibano, tem como sua mais importante obra de ficção **A Bagaceira** que, no dizer de Jackson de Figueiredo:

[...] é o poema do sertão nordestino, ou melhor, o poema da humana vaga sertaneja, em seu perpétuo rolar do sertão definido, heroico e idílico, às terras mestiças, sensuais, dispersivas, cruéis, e sentimentais, que se abeiram da inconstância do mar. (FIGUEIREDO 1977, p.41).

Falar de **A Bagaceira**, do ponto de vista linguístico, é falar, além do erudito, do regional, do popular, da cultura e da sociedade paraibana e nordestina como um todo. Os personagens de **A Bagaceira** têm, em sua linguagem, as marcas socioculturais que a

distinguem dos demais falares regionais brasileiros. Os termos e expressões utilizados, na maior parte das vezes são de uso quase que exclusivo do falar paraibano. Vejamos alguns exemplos:

a) Acatitar os olhos - arregalar, fixando os olhos. “*Acatitou os olhos e escumava, como juá*”.

Expressão registrada apenas por Horácio de Almeida na variante *encatitar*.

b) Andar de capas encouradas - disfarçado, dissimulado, mascarado. “*Há gente que anda de capas encouradas; quando menos se pensa, bota as mangas de fora [...]*”.

Nenhum dos dicionários consultados registra esta forma.

c) Brote - bolacha grande e dura. “*Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um **brote** duro*”.

O termo *brote* foi introduzido no vocabulário nordestino numa adaptação da palavra holandesa *brood* (pão), durante o período da dominação holandesa no nordeste.

Apenas Horácio de Almeida registra o termo, mas com outro sentido.

d) Celé - atordoado, estonteado. “*Caiu ciscando, ficou **celé***”.

Dos dicionários consultados apenas Horácio de Almeida registra. Os demais não registram o termo.

e) Chumbergada - pancada, açoitamento, golpe dirigido contra uma pessoa ou animal. “*Arrochei-lhe outra **chumbergada***”.

Dos dicionários consultados apenas Horácio de Almeida registra. Os demais não registram o termo.

2.2 Exemplos em José Lins do Rego

José Lins do Rego, um dos mais importantes escritores paraibanos e nacionais, tem uma obra multifacetada que abrange do romance às memórias, passando pelos relatos de viagens, crônicas e literatura infantil. José Lins em suas obras de ficção usou a palavra de forma precisa e artística, nos seus níveis e registros e nas suas variações regionais, a partir do perfeito domínio da norma culta padrão.

A temática, a estrutura literária e a linguagem de suas obras caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sócio-linguístico-cultural. Sua linguagem popular se manifesta, basicamente, no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

a) Bicha - 1. qualquer objeto que, pelo seu feitio ou seu movimento, dá ideia de um réptil; designação de qualquer coisa material. “*Quem via de longe, pensava que era só soltar a jangada com o terral, deixar a **bicha** correr de vela aberta [...]*”. 2. termo depreciativo de mulher, prostituta. *É mentira daquela **bicha** senvergonha*”.

Nos dicionários consultados não há estas acepções de *bicha*, apenas Horácio de Almeida registra o sentido de prostituta.

b) Corumbá - sertanejo que emigra para os brejos acossados pela seca. “[...] e logo que for tempo embarca com os **corumbás** para o sul”.

Dos dicionários consultados, apenas os paraibanos de Horácio de Almeida e Leon Clerot registram o termo, com a variante *curumbas*.

c) Da Silva - locução enfática usada imediatamente após um adjetivo no diminutivo significando: inteiramente, de todo, muito, totalmente. “*Nada, D. Olegária, inteirinho **da silva**. E alegre da vida*”.

d) Descatembada - desvirginada. “*Tinha ainda viva uma moça, mas estava **descatembada**. A volante tinha feito um serviço de cangaceiro*”.

Apenas Horácio de Almeida registra o termo, porém com sentido diferente.

e) Estar de Novilho - Estar com amante jovem. “*A velha está de novilho*”.

Nenhum dos dicionários consultados registra esta expressão.

3. Marcas regionais no léxico Cearense

O falar regional/popular do Ceará está aqui representado por Oliveira Paiva e Patativa do Assaré, dois nomes da maior significação para a linguagem e poesia cearenses.

3.1 Exemplos em Oliveira Paiva

Manuel de Oliveira Paiva nasceu em Fortaleza, Ceará, em 12 de julho de 1861 e faleceu em Quixeramobim em 29 de setembro de 1892. No Rio de Janeiro tentou algumas profissões, entre elas a vida eclesiástica e a militar. Evolveu-se nas lutas pela abolição da escravatura e pela proclamação da república. Publicou no Jornal O Libertador, o romance *A Afilhada*, em forma de folhetim.

Mudou-se para o sertão cearense, por motivo de saúde, e escreveu seu romance *Dona Guidinha do Poço*, baseado em fatos reais. Sua linguagem é marcadamente regional popular do estado do Ceará. (NOBRE, 2010).

Os exemplos aqui mostrados são da edição de 1997, da Universidade Federal do Ceará, do romance *Dona Guidinha do Poço*, do jornalista e escritor Oliveira Paiva. A

obra foi escrita em 1897, mas apenas em 1952 saiu sua versão integral. Narra a história de um crime passionai quando sua heroína, Dona Guida, senhora rica e orgulhosa, enfrenta os preconceitos da época ao quebrar as tradições por cometer adultério com um sobrinho do marido.

Escrito em linguagem erudita, mas usando a linguagem regional popular quando dá voz a personagens das camadas populares, geralmente analfabetos, somente se tornou conhecido em todo o país a partir da descoberta dos originais feita pela historiadora de Literatura Brasileira Lúcia Miguel Pereira, sendo sua primeira edição publicada logo a seguir.

a) Abastança - fartura. “*Naquele sertão havia por esse tempo muita **abastança**, por modo que um grande pecúlio não era lá nenhum desses engodos*”. (p. 11).

Termo já dicionarizado com o mesmo sentido utilizado pelo autor.

b) Capucho - espuma do leite recém-tirado. “*Compadre, despeje esta cuia no pote, e me mande um **capucho***.” (p. 21).

Dicionários de norma padrão registram capucho com sentidos diferentes. Nenhum deles faz referência ao sentido utilizado pelo autor.

c) Cocar - tocaiar, espionar. “*Tocaiou, **cocou**, e às 10 horas, bem escuro, se achou a sós com a designada vítima [...]*” (p. 185).

Não há registro deste termo em dicionários, sejam regionais, sejam de norma padrão. Parece-nos que foi criado a partir de cócoras, acocorado, forma nordestina de se ficar quando se está à espreita, escondido.

d) Fonfança - fanfarronice, papo. “*Todavia, desculpe-se-lhes a **fonfança** pela tendência natural que temos todos nós [...]*”. (p. 6).

Este termo surgiu provavelmente de uma redução fonética de *fanfarronice*, o que lhe deu, além da facilidade de articulação, maior pomposidade pelo uso dos fonemas / o / e pela nasal / n /.

e) Gaitar - apitar. “*-Inhora, não. Mó de que esta noite uvi o novio **gaitá** pra Lagoa?*” (p. 21).

Termo criado a partir de *gaita* e utilizado com sentido semelhante, de apito, gaita. Não se encontra dicionarizado com este sentido.

f) Lappear - bater forte, malhar. “[...] *que voltara a **lappear** o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo [...]*”. (p. 16).

Termo dicionarizado como brasileirismo do Norte e Nordeste, com sentido semelhante: *cortar com o chicote ou lapo; chicotear, vergastar*.

g) Morixaba - mulher malfadada, prostituta. “*Que estava sendo ela então para todo o Ceará, para todo o mundo, que a ruim fama corre mais que o pensamento, senão uma morixaba?*”. (p. 177).

Termo registrado em apenas um dos dicionários de termos populares do Ceará.

3.2 Exemplos de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré era o nome artístico (pseudônimo) de Antônio Gonçalves da Silva. Nasceu em 5 de março de 1909, na cidade de Assaré, estado do Ceará, e faleceu no dia 8 de julho de 2002 em sua cidade natal. Foi um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina.

Dedicou sua vida à produção de cultura popular, voltada para o povo marginalizado e oprimido do sertão nordestino. Com uma linguagem simples, porém poética, destacou-se como compositor, improvisador e poeta. Produziu também literatura de cordel, porém nunca se considerou um cordelista.

Ganhou o apelido de Patativa, aos vinte anos de idade, pois a sua poesia era comparada à beleza do canto desse pássaro.

No ano de 1956, escreveu seu primeiro livro de poesias “Inspiração Nordestina”. Inúmeras são as obras de Patativa, todas utilizando uma linguagem típica da região cearense e nordestina, no seu registro popular, uma vez que o autor também era iletrado, no sentido formal do termo, mas sabia em seus versos, como ninguém, retratar sua região e seu povo.

Alguns exemplos do autor podem nos mostrar o que aqui afirmamos.

a) Aposento - aposentadoria. “Para fazer seu *aposento*”.

Forma apocopada de aposentadoria utilizada pelo autor talvez para rimar.

b) Bolo de fim de feira - insignificante, sem valor. “Tão pensando que voto é *bolo de fim de feira*”.

A expressão não está registrada, mesmo em dicionários regionais.

c) Botar curto - fiscalizar. “Mamãe, a senhora *bote bem curto* naquele louro.”

Expressão semelhante a manter as rédeas curtas, registrada em dicionários regionais nordestinos.

d) Comprar cartilha pra outro ler - ser enganado, traído. “Só porque meu casamento foi triste e foi azalado, foi mesmo que eu ter *comprado cartia pra outro ler*”.

Expressão semelhante a fazer a barba de alguém, registrada em dicionários regionais do Ceará.

e) **Levada** - artimanha. “Mas ele tem as *levadas* de um caboco valentão”.

Palavra registrada em dicionários eruditos, porém como adjetivo: criança levada é criança travessa, traquinas, cheia de artimanhas.

4. Marcas regionais no léxico de outros estados Nordestinos

De alguns anos para cá tem surgido na região nordestina uma nova onda de estudos dialetais e sociolinguísticos com enfoque no aspecto léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais nordestinos, começando pela Bahia, com o do baianês, passando por Alagoas, com o do alagoanês, por Pernambuco, com o do pernambuquês, pelo Ceará, com o do cearês e pelo Piauí, com o do piauiês.

Essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959) com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*; Raimundo Girão (1967) com o *Vocabulário Cearense*; Horácio de Almeida (1979) com o *Dicionário popular paraibano*; Raimundo Nonato (1980) com o *Calepino potiguar - gíria riograndense*; Tomé Cabral (1982) com o *Dicionário de termos e expressões populares*; Leonardo Mota (1982) com o *Adagiário brasileiro* e Florival Serraine (1991) com o *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*.

Uma das características desses novos dicionários, vocabulários e glossários é que seus autores não são lexicógrafos ou linguistas. São pessoas com outras formações profissionais: jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, creem eles, são típicas daquele estado específico.

Todos eles retratam o léxico, a cultura e a sociedade de seus Estados. Na Bahia temos o trabalho de Nivaldo Lariú e o de Alexandre Passos. Alagoas está representado por Elza Cansanção Medeiros. O léxico de Pernambuco tem além de Pereira da Costa seu maior representante, Mário Souto Maior e Bertrand Bernardino. Na Paraíba temos as obras clássicas de León Clerot e Horácio Almeida. O estudo do léxico do Rio Grande do Norte tem sido feito a partir de autores potiguares, especialmente Câmara Cascudo e pelo dicionarista Raimundo Nonato, entre outros. No Ceará temos, além dos clássicos como Tomé Cabral, Raimundo Girão, Leonardo Mota e Florival Serraine uma série de novos trabalhos, como os de Marcos Gadelha, Tarcísio Garcia e Carlos Gildemar Pontes, entre tantos outros. O falar do Piauí é registrado, entre outros, por Paulo José Cunha e o do Maranhão, por Domingos Vieira Filho, Ramiro Corrêa e José Raimundo Gonçalves.

4.1 O Léxico da Bahia

- a) **Abrir o balaio** – viúva que volta às atividades sexuais depois do luto.
- b) **Bascuiar os dentes** – escovar os dentes com masca de fumo, folha de juá ou de goiabeira.
- c) **Cabeça de Escapole** – diz-se da pessoa negra, com a carapinha cortada rente .
- d) **Dar de comer a calango** – defecar.
- e) **Preceito** – virgindade, guardar o preceito: permanecer virgem.

4.2 O Léxico de Alagoas

- a) **Abaferro** – trabalho intenso, febril, agitação.
- b) **Cafinfa** – pessoa impertinente, ranzinza.
- c) **Capote de pobre** – cachaça.
- d) **Entrar no chão de costas** – morrer, ser enterrado.
- e) **Mamparra** – conversa fiada, malandragem.

4.3 O Léxico de Pernambuco

- a) **Amulegar** – apertar, machucando. “*Amulegar a fruta*”.
- b) **Banqueta** – acostamento de rodovia. “*Parar na banqueta*”.
- c) **Boi de Cambão** – dominado pela mulher.
- d) **Cachorro de fateiro** – pessoa gorda, obesa. “*Estar gordo que só cachorro de fateiro*”.
- e) **Catecismo** – revista de sacanagem, feita a bico de pena.

4.4 O léxico do Rio Grande do Norte

- a) **Açougue** – bairro do mulherio da vida dissoluta. O autor cita algumas variações de significantes para este mesmo significado, dependendo das localidades do Rio Grande do Norte: em Mossoró, **Rua do Jaburu e Rabo da Gata**; em Pau dos Ferros, **Rua do Vai-Quem-Quer**; em Assu, **Rua dos Sete Pecados**; em Natal, **Rua do Arame e Beco do Engole**; em Areia Branca, **Rua da Quizambeta**.

b) **Café de parteira** – café frio, choco, requentado. Outra variante é **Lavagem de espingarda**. “*O café da casa de Manoel de Assis não passava de uma lavagem de espingarda*”.

c) **Dizer missa** – encher o tempo com conversa fiada. Outras variantes: **Celebrar oração sem sentido. Fazer prece no Deserto.**

d) **Espingarda** – concubina, amancebada. “*O marchante tinha uma espingarda numa casa da Rua da cadeia, onde chegava sempre embriagado[...]*”.

4.5 O Léxico do Piauí

a) **A caldo de pinto** – chateado, irritado.

b) **Arrochar o buriti** – botar pra quebrar, acelerar. “*Então vamos começar a quadrilha. Arrocha o buriti moçada*”.

c) **Briquitar** – labutar, pelejar.

d) **Eu, Maria Lopes?** - eu, hein?

e) **Furupa** – farra, algazarra.

4.6 O Léxico do Maranhão

a) **Agafe** – alfinete de segurança.

b) **Chofer de Butano** – empregada doméstica.

c) **Lençol** – caloteiro, mau pagador.

d) **Morredor** – local da prática sexual, motel, casa de encontros.

e) **Sulamba** – seios flácidos e caídos. Uma variante é **Sulapa**.

Considerações finais

A análise dos exemplos aqui apresentados mostra-nos, de forma clara, as relações existentes entre a língua, a sociedade e a cultura, reforçando, contudo, que a língua é o elo de ligação entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura.

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza.

Referências

- ALENCAR, Maria Silvana Militão de. **A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré**: aspectos fonéticos e lexicais. Fortaleza: 1997. Dissertação (mestrado) UFC.
- ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**. Campina Grande: Grafset, 1984.
- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. **A linguagem regional-popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. O estudo da linguagem popular – Atlas Linguístico da Paraíba. **BOLETIM DA ABRALIN**, v.4, p. 67-80. Recife: UFPE, 1983.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et al. **Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira**. João Pessoa: A União, 1984.
- AZEVEDO, Téo et ÂNGELO, Assis. **Dicionário catrumano**: pequeno glossário de locuções regionais. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.
- BAYLON, C. **Sociolinguistique**: société, langue et discours. Paris: Nathan, 1991.
- BERNARDINO, Bertrando. **Minidicionário de pernambuquês**. 2ª ed. Recife: Bagaço, 1996.
- BIDERMAN, M. Tereza. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, M. Tereza. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 133.
- CABRAL, Tomé. **Dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1982.
- CARVALHO, Gilmar. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

- CLEROT, L.F.R. **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba**: Estudo de glotologia e semântica paraibana. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959.
- CORREIA, Ramiro. **Antropolinguística**: Raposa. São Luís: SIOGE, 1980. 81 p.
- CUNHA, Paulo José. **Grande enciclopédia internacional de piauiês**. Teresina: Corisco, 2001.
- EUCLIDES NETO. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Editus, 1997.
- FERREIRA, A. Buarque de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FISHMAN, Josua A. **Sociolinguistique**. Paris: Nathan, 1971.
- FONSECA Jr. Antonio Soares. **Dicionário do português nordestino: nordestinês**. São Paulo: FACTASH, 2005.
- FRIBOURG, J. Vers l'ethnolinguistique. **La Linguistique**, v. 14, fasc. 2, 1978.
- GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês**. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GARCIA. Tarcísio. **Dicionário do cearês: as palavras, as expressões e como usá-las**. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.
- GARMADI, Juliette. **Introdução à sociolinguística**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- GONÇALVES, José Raimundo. **Pequeno vocabulário popular do Maranhão**. São Luis: Gráfica e Editora Renovação, 1998.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUDSON, R.A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- INÁCIO FILHO, José. **Vocabulário de termos populares do Ceará: etimologia e tradições**. Fortaleza: Livro Técnico, 2001.
- O NORDESTE. Enciclopédia. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?pagina=2<r=d>. Acesso em 10 de maio de 2013.
- LACERDA, Josenira. **O linguajar cearense**. Fortaleza: Livro Técnico, 2001.

- LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de baianês**. Salvador: s.ed.1991.
- MEDEIROS, Elza Cansanção. **Dicionário de alagoanês**. Maceió: UFAL, 1997.
- MORALES, Humberto L. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1993.
- MOTA Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza: UFC, 1982.
- NAVARRO, Fred. **Assim falava Lampião**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- NOBRE, Leila. Blog **Fortaleza Nobre**. Disponível em <http://fortalezanobre.blogspot.com.br/2010/07/manoel-de-oliveira-paiva-o-escritor.html>, 2010. Último acesso em jan. 2014.
- NONATO, Raimundo. **Calepino potiguar: gíria rio-grandense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 107-113.
- OLIVEIRA, L. de. **Falando no Ceará**. Fortaleza: Edição do Autor, 2003.
- PAIVA, Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. Fortaleza: UFC, 1997.
- PASSOS, Alexandre. **A gíria baiana**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- PATATIVA DO ASSARÉ. **Biografia**. Disponível em < http://www.suapesquisa.com/biografias/patativa_assare.htm>. Último acesso em jan. 2014.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. Vocabulário pernambucano. **Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano** - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- PONTES, Carlos G. **Super dicionário de cearês**. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 21ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- REGO, José Lins do.. **Fogo morto**. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- SARAIVA, Andréa. **Orélio cearense**. Fortaleza: Premium/Livro Técnico, 1998.

SCARTON, G.; MARQUARDT, L. L. O princípio da variação linguística e suas implicações numa política para o idioma. **Boletim do Gabinete Português de Leitura**. Porto Alegre: (24): 21-31, jun. 1981.

SERAINÉ, Florisval. **Dicionário de termos populares**: registrados no Ceará. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

SILVEIRA, João Gomes da. **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 953 p.

SOUTO MAIOR, Mário. **Geografia vocabular do pau**: através da língua portuguesa. Recife: 20-20 Comunicação, 1994.

VIEIRA FILHO, Domingos. **A linguagem popular do Maranhão**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1992, p. 46.